

A positividade tóxica do culto da performance e a asfixia gerencial da dor

RENATO NUNES BITTENCOURT *

Resumo:

O artigo aborda a relação entre sociedade capitalista e a narrativa gerencial que vislumbra fortalecer as disposições empreendedoras do sujeito de desempenho sem qualquer consideração por suas naturais limitações existenciais, escamoteando assim suas experiências íntimas de dor como disposições contrárias ao cálculo da rentabilidade.

Palavras-chave: Positividade; Desempenho; Esgotamento; Dor.

The toxic positivity of the cult of performance and the managerial asphyxiation of pain

Abstract:

The article addresses the relationship between capitalist society and the managerial narrative that aims to strengthen the entrepreneurial dispositions of the performance subject without any consideration for their natural existential limitations, thus concealing their intimate experiences of pain as dispositions contrary to the calculation of profitability.

Key words: Positivity; Performance; Exhaustion; Pain.



* **RENATO NUNES BITTENCOURT** é Doutor em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor do Curso de Administração da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



ALDREYSENHANDO

Introdução

As corporações capitalistas fundamentam suas práticas organizacionais não apenas através de mecanismos de controle gerencial sobre a força laboral e a subjetividade dos seus funcionários ressignificados como “colaboradores”, mas também através de técnicas ideológicas que forjam uma confluência de dominação psicológica e de persuasão retórica sobre os seus membros, naturalizando as práticas corporativas mais agressivas como se fossem necessidades inexoráveis. A

dinâmica empresarial, não obstante qualquer tentativa aparente de mudança organizacional nos tempos de ESG, é instrumental e unidimensional, ao fim e ao cabo visa o lucro para seus sócios e acionistas, e cabe ao seu corpo de funcionários se dedicar piamente para a realização desse objetivo. Na égide do economicismo neoliberal, não é apenas a agenda da flexibilidade profissional (com sua inerente carga de precarização laboral e perpetuação do estado de incerteza moral) que se impõe como parâmetro organizacional, mas também a

apologia dos abjetos discursos motivacionais que vislumbram adoçar a práxis da vida empresarial como uma trajetória de superação constante dos limites pessoais e da adaptação individual aos sagrados valores do mercado. Temos assim a discursividade tóxica que visa catequizar o sujeito de desempenho em conformidade aos mandamentos gerenciais da positividade laboral que exige uma performance profissional linear e engajada. Por detrás dessas imagens fetichizadas de maravilhamento empresarial, temos uma grande massa laboral acometida de doenças ocupacionais, depressão e esgotamento psicofísico que expressam assim o sofrimento existencial dos derrotados invisíveis do capitalismo ultraliberal.

A normatividade da sociedade de desempenho e a narrativa da positividade

A sociedade de desempenho se pauta pela positividade total, positividade totalitária, aliás, pois exige a capacidade individual de se escamotear toda forma de fraqueza pessoal em favor da performance laboral, em nome da rentabilidade ulterior do mercado, a instância onipotente que decide o destino da humanidade capitalista. Por conseguinte, o ritmo metabólico da vida é adulterado em nome da produtividade constante, mesmo que a consequência imediata desse ritmo antinatural seja o esgotamento vital do sujeito imerso nesse processo espoliador. Para Baudrillard,

Somos vítimas de uma falta de destino, de uma falta de ilusão e, conseqüentemente, de um excesso de realidade, segurança e eficiência. O que nos ameaça é o excesso de proteção e positividade – a “salvação” incondicional desempenhada pelas nossas

tecnologias (BAUDRILLARD, 2001, p. 87).

O tempo otimizado é assim o grande capital a ser gerenciado, e qualquer desperdício é prejuízo para o gerencialismo vigente. A Modernidade se constitui pelo aproveitamento técnico do tempo mediante procedimentos disciplinares de controle ortopédico do corpo laboral, mas o establishment ultraliberal forjou uma hipérbole da necessidade de tornar toda a dinâmica acelerada de uso do tempo como um bem extremamente valioso para os negócios produtivistas. Por conseguinte, toda limitação, todo entrave, toda desqualificação e toda contingência são desabonadas violentamente e imputadas como falta de engajamento profissional do sujeito de desempenho organicamente asfixiado. O dever laboral, absoluto, exige refração do tempo de sono, de descanso, de lazer, de ócio. A grande meta da ideologia ultraliberal e sua ética necrófila da precariedade existencial consiste em manter o sujeito de desempenho em perpetuo estado de vigília, pois a qualquer momento pode ser convocado para defender os interesses da empresa na sua guerra corporativa: “A coerção não pesa mais sobre os corpos, mas sobre as mentes, já não há mais vigilância, mas um autocontrole permanente, uma disponibilidade sem descanso” (LE BRETON, 2018, p. 63).

A celebração efusiva da positividade é unilateral e unidimensional, não compreende a complexidade da existência humana e suas necessárias contradições. Nem sempre convém abstrairmos da tristeza, da irritabilidade, da indignação em prol de um nível de consciência superficial de otimismo reducionista e vulgar. É como um palhaço que mesmo enlutado deve sorrir para o público. A positividade é bastante

adequada ao dispositivo gerencialista ultraliberal travestido de caracteres progressistas pois se esforça em converter toda experiência negativa em um degrau para o apregoado sucesso. A positividade elimina o senso trágico da realidade, pois muitos eventos não são aprendizados verdadeiros para a existência. É leviana a pretensão de se moralizar os afetos tristes como males inconcebíveis. Lutamos para que tenhamos uma vida tonificada pelos afetos alegres, mas para que essa vida melhor se concretize é imprescindível que tenhamos a capacidade de lidar com as diversas nuances da dor e suas inerentes afetações em nosso ânimo.

A dita positividade tóxica forja uma visão estereotipada e idílica da vida que suprime o desenvolvimento da capacidade semântica da pessoa, preenchida por slogans motivacionais estúpidos que reduzem o alcance do pensamento crítico, que exige o enfrentamento da contradição, do diferente, do negativo. A positividade tóxica gera uma espécie de dispepsia mental no sujeito de desempenho, pois o recalque das paixões em prol de uma superfície moral que não reconhece a dignidade da dor e do limite individual produz erupções violentas dessa carga emocional represada, e assim o tecido tênue no qual essa pessoa axiologicamente reduzida vive se rompe, deixando-se sem nenhum poder de resistência perante os seus próprios fantasmas interiores. A ideologia gerencial é patrocinadora contumaz da positividade tóxica e, apesar de não reconhecer o caráter maléfico dos seus dispositivos ideológicos, considera que o preço do sucesso profissional reside na habilidade de se deixar de lado qualquer preocupação consigo mesmo em nome da causa empresarial, ou seja, um estímulo necrófilo para a autodestruição do sujeito de desempenho, consumido

pelo Mercado-Moloch. Conforme argumenta Svend Brinkmann,

A autorrealização já não é um conceito libertador. Em vez disso, envolve aceitar a ideia de um eu interior que é preciso desenvolver e até mesmo capitalizar, de maneiras planejadas para beneficiar o empregador [...] A frase “eu não preciso me desenvolver” raramente é pronunciada durante revisões de desempenho e desenvolvimento – de fato, considerando a ortodoxia prevalente, ela pode ser comparável à heresia (BRINKMANN, 2022, p. 33)

O mundo corporativo é desprovido de tragicidade, pois não compreende a realidade de maneira complexa em sua confluência de dor e de prazer. Dessa maneira, o sistema empresarial é alheio ao espírito dionisíaco. No entanto, também não é apolíneo, pois é desprovido de capacidade contemplativa da beleza da vida e sua harmonia das formas. Quem é estimulado a não dar vazão ao estado de dor não conhece a si mesmo, tal como a prédica apolínea propunha na sabedoria olímpica. O mundo corporativo também não é socrático, pois é afastado de qualquer consideração por uma boa vida comprometida com a verdade e com o justo. Apesar de enaltecer a disciplina, a ascese e a dedicação ao ofício profissional, o mundo corporativo não é cristão pois não reconhece a dimensão metafísica da existência e seu sentido transcendente. Trata-se de outro arranjo civilizacional, alinhado então com a estruturação anti-humanista da sociedade.

O mundo corporativo, impossível dizer de outra maneira, é fascista, pois somente reconhece o valor do indivíduo dentro da estrutura organizacional como uma peça descartável que só é útil enquanto funciona. Nessas condições, o

aparato gerencial da Administração Moderna antecipa o projeto fascista. A Empresa Total, perante a qual o sujeito de desempenho deve dedicar toda sua força vital, é a antecessora do Estado Total fascista e sua inerente submissão da existência singular ao crivo do poder ditatorial. Assim como o fascismo exige a mobilização permanente do indivíduo pela defesa do Estado Corporativo, assim também a empresa exige a mobilização permanente do funcionário pelo sucesso organizacional, de modo que esteja sempre de prontidão para atuar na guerra da rentabilidade econômica. O empregado de uma empresa nada é fora dela. O herói fascista é mitificado ideologicamente como a figura que se destaca na grande guerra imperialista pela expansão territorial de modo a ampliar o espaço vital da nação e morrer incondicionalmente por ela. O herói capitalista é o funcionário se atira ao ofício que lhe cabe e se exaure pela pujança da empresa, o vórtice ao qual todas as suas energias são dedicadas e da qual nada espera além do seu salário e de um eventual reconhecimento posterior por suas proezas. A ordenação do mercado sempre foi avessa aos ritos institucionais-democráticos e não hesita em fomentar mobilizações disruptivas-golpistas para perpetuar os seus privilégios econômicos perante o restante da sociedade idiotizada pelo consumismo. A plutocracia, em nome da elevação de sua rentabilidade, investe contra sindicatos combativos, movimentos sociais e quaisquer outras mobilizações classistas que se oponham aos ditames autoritários do mercado. Por isso em toda situação de crise do sistema capitalista e as poderosas respostas sociais empreendidas pelas insurgências revolucionárias dos trabalhadores unidos, os estratos burgueses sempre apoiaram, de maneira legal ou não, o florescimento de governanças

reacionárias-autoritárias escancaradamente fascistóides, inimigas do socialismo-comunismo. Mesmo em tempos de refração da esquerda revolucionária, os segmentos empresariais perpetuam a narrativa histórica antimarxista para que demagogos de extrema-direita se apropriem das condições materiais da governança política e assim evitem qualquer contraposição efetiva aos seus ganhos rapinantes.

O caráter subversivo da depressão contra o culto da performance

Em priscas eras, a melancolia expressava o embate moral entre a consciência singular do sujeito e um mundo reconhecido como destituído de valor genuíno. A partir do desenvolvimento técnico da ciência moderna e seus tentáculos medicinais, a depressão é absorvida pelo regime disciplinar da saúde pública e seu projeto organizador de uma sociedade de pessoas úteis e enquadradas nas funções organizacionais basilares ou sofisticadas, nada permanecendo excluído dessa estrutura interdependente. A opinião pública, pautada em seu senso comum vulgar, vitupera o sujeito depressivo como alguém que aceita ser incapaz, que sofre por falta de empenho e vigor físico para enfrentar a labuta cotidiana que forja o caráter, por isso a depressão usualmente era considerada um transtorno das classes mais abastadas. O rico ocioso pode viver sob a depressão pois é dotado de poder aquisitivo para se tratar e lidar com suas crises psíquicas sem prejudicar a pujança econômica da sociedade capitalista. Já o pobre, por sua vez, submetido ao regime de trabalho alienado, de tanto se dedicar nas suas funções mecanizadas venceria pelo suor do rosto os sintomas depressivos por não mais pensar em seus transtornos

interiores, interpretação horrendamente equivocada, pois justamente o regime de trabalho degradante, insuflado pelas metas de desempenho sem qualquer compromisso com a natureza orgânica do ser laboral, é um dos fatores potencializadores da depressão. Para Byung-Chul Han,

A coação do desempenho é destrutiva, fazendo com que autoafirmação e autodestruição sejam uma coisa só. As pessoas se otimizam para morrer. Autoesgotamento indiscriminado leva a um colapso mental. A luta brutal de concorrência atua de modo destrutivo. Ela produz uma frieza de sentimentos e uma indiferença diante dos outros que traz consigo uma frieza e indiferença perante si próprio (HAN, 2021a, p. 19-20).

A indústria do coaching prospera pela coação do desempenho. A dedicação continuada ao trabalho sem sentido real para o florescimento de uma vida criativa é um trampolim para a depressão, pois o indivíduo perde o seu enraizamento na dimensão metabólica da vida natural para apenas realizar as metas impostas pelo establishment gerencial, sem a conveniente fruição do ócio, da vivência amorosa, da arte e do tempo intensivo da festa. A sociedade de desempenho e seu culto de performance se beneficia com essa ignorância psicológica e sua inversão de premissas:

O sujeito de desempenho é incapaz de chegar a uma conclusão. Ele se desperdiça sob a coação de sempre ter de produzir mais desempenho. Precisamente essa incapacidade de chegar a uma conclusão e de encerrar conduz ao Burnout (HAN, 2021b, p. 30).

Outro aspecto importante que cabe analisar reside na tacanhez da religiosidade rudimentar que considera a depressão obra do Diabo e empobrece

sobremaneira o debate sobre o tema, enriquecendo, todavia, os cofres dos charlatões do púlpito e suas promessas asquerosas de curas espirituais. Qualquer indisposição psicofísica é fruto de algum sortilégio. Chafurdar na depressão é sinal de que a alma padecente está sob efeito de forças maléficas obsessoras que sugam sua vitalidade. O depressivo, nessa concepção espúria, sofre por causa de sua falta de fé, falta de fé que se converte em benção monetizada pela causa maior da seita. Sabemos o quanto o bom desenvolvimento da vida humana foi prejudicado pela interferência do obscurantismo teocrático nas questões fundamentais de nossa existência sociopolítica. Nietzsche, com sua gaia ciência de uma vida intensiva, apresenta uma importante reflexão sobre os preconceitos supersticiosos de uma moralidade decadente:

Pobre humanidade! – uma gota de sangue a mais ou a menos, em nosso cérebro, pode tornar extremamente miserável e dura a nossa vida, de tal modo que sofremos mais com essa gota do que Prometeu com seu abutre; o mais terrível, porém, acontece quando não se sabe que essa gota é a causa. E sim “o Diabo!” Ou o pecado!” (NIETZSCHE, 2004, p. 64).

Sob uma perspectiva ontológica, base de nossa vida substancial, a depressão expressa a inadequação pessoal ao modo de vida regulado pela competitividade neurastênica, pela apologia do sucesso incondicional e pela impossibilidade de se reconhecer qualquer sentido nessa ordenação mundana mesquinha e ruidosa. A depressão é uma resposta ao produtivismo positivado da sociedade de desempenho. A inatividade permanente expressa uma tentativa de se bloquear a disposição laboral que suplanta a singularidade humana. A lentidão é uma tentativa de se interiorizar e perceber

melhor as próprias nuances recônditas da subjetividade. A apatia é uma reação aos estímulos heteróclitos de uma sociedade demasiadamente acelerada e agitada. A taciturnidade é uma oposição ao tagarelar prosaico que fala demais sem refletir, fala sem acrescentar nada de substantivo (quem fala em demasia pretende mascarar sua falta de conteúdo intelectual). Essas características são consideradas extravagantes pelo senso comum e lhe gera desconfiança, pois as pessoas mais reservadas incomodam aqueles que são quantitativamente extensivos, pois acredita-se que os apáticos, os silenciosos, os lentos orquestram alguma infâmia contra a ordem estabelecida. Enquanto isso a fanfarronice espetacular impera nas redes sociais e ratificam a moralidade da vida esvaziada de substancialidade.

O depressivo não se caracteriza apenas, como se acredita simploriamente, pelo aparente nada querer. Muitas vezes o depressivo quer mudar a ordem das coisas do mundo, mas não encontra força vital para isso e encontra dificuldade pessoal em lidar com essa discordância axiológica. Vejamos aí o quanto a disposição depressiva atenta contra a miríade mercadológica da sociedade de consumo, pois quem quer o nada quer ao menos alguma coisa, enquanto aquele que nada quer, por sua vez, consegue se desvencilhar de antemão de qualquer inclinação para os bens materiais, aviltando assim as expectativas dos operadores do mercado. A sociedade de consumo considera que somos na medida em que temos, relação falsa que é facilmente desconstruída, pois somos na medida em que não temos, por outras palavras, quanto menos temos mais somos. Todas as estratégias marqueteiras não são capazes de lidar com essa evidência ontológica primordial.

A normatividade da sociedade de desempenho, por suas vias valorativas tortas, faz do depressivo uma espécie de criminoso moral, estabelecendo analogias do padecente com o apenado e a imperiosa necessidade gerencial de enquadrá-los para que possam se tornar rentáveis para o espírito capitalista. O apenado, que renunciou a uma apregoada vida decente em nome da marginalidade, pela disciplina carcerária pode se tornar um cidadão de bem posteriormente e trabalhar para gerar o seu próprio sustento, ainda que em condições laborais infamantes. O depressivo, sofredor de sua crônica moléstia psicofisiológica, através da instrumentalização medicinal e as terapias adequadas, pode se tornar útil para os quadros sociais e assim evitar transtornos práticos para os seus pares.

Além dos fatores biológicos e neuroquímicos, a depressão também aflora por questões de desajuste ambiental, social e econômicos, que de toda maneira estão interligados. O sujeito de desempenho que sofre de depressão dorme mal, se alimenta mal, permanece em estado de ansiedade constante com o medo de falhar e de errar em suas operações e assim vive na carne os impactos das consequências materiais da sua fraqueza pessoal. Para atenuar os males da depressão temos a indústria farmacológica, psiquiátrica e psicológica do bem-estar, pois é indecente alguém ser depressivo em uma sociedade de afluência. Como a depressão diminui o fluxo produtivo, é mister medicar o paciente para que ele se reintegre ao sistema capitalista. Ou seja, o compromisso sociotécnico com a tentativa de se curar a depressão do padecente não é por motivação humanitária, mas em nome da perpetuação da engrenagem capitalista de produção e consumo. Eis a expertise científica ao serviço da lógica

avassaladora do mercado. A atenuação social da depressão somente ocorrerá mediante a superação do regime normativo capitalista que promove o individualismo atomizado do sujeito de desempenho e suas exigências insalubres e exaustivas para o metabolismo humano. Uma economia pautada pelo senso comunitário de bem viver social é uma alternativa viável para superação dessa sistema asfixiante que exige uma afetividade positiva aparente para esconder as mazelas de uma interioridade degradada. É mais salutar demonstrar uma afetação dolorosa que emana do âmago dilacerado do que velar essa dor primordial com a aparência otimista artificial.

Não se trata de fazer apologia do sofrimento, da dor e dos estados depressivos, mas sim de se compreender que a ideia de vida plena pressupõe a presença de afetos alegres e de afetos tristes, de bons encontros e de maus encontros no decorrer da existência e que nem sempre temos capacidade de hegemonizar o bem-estar existencial em um nível de estabilidade razoável. Uma certa sabedoria trágica da vida reside na afirmação dessa situação inexorável. Queremos selecionar as paixões alegres e tonificá-las continuamente em detrimento das paixões tristes, situação compreensível na imanência da vida concreta. Contudo, é impossível vivermos sempre sob os signos da positividade e desenvolvermos uma consciência capaz de afirmar tudo aquilo que acontece é muito mais salutar do ponto de vista prático, ainda que exija um grande exercício de assimilação de vivências. É nesse sentido que decorre a importância de respeitarmos e mesmo fruirmos o tempo da dor, do sofrimento, da impotência, do fracasso, da limitação, do luto. Nem sempre estamos bem na ordem do dia. Não estamos aqui defendendo a perpetuação do estado de

dor como algo glorioso ou glamuroso, tampouco utilizando desse tipo de situação-limite como justificativa para a construção de uma personalidade antissocial e ranzinza no ambiente organizacional que certamente incomoda os interlocutores, mas a importância filosófica de se abordar essa temática reside na necessidade de se respeitar a personalidade que se constitui de modo diferente daquilo que estamos saturados de aceitar como o padrão adequado de sociabilidade, extrovertida, proativa, engajada, abnegada. Sempre estar disponível, sempre estar pronto para atuar em nome da causa corporativa pode ser uma fuga de si mesmo. Usualmente apenas após sofrermos as consequências dolorosas pelo excesso de desempenho desenvolvemos a capacidade de modificar a orientação existencial.

Quem está disposto a escutar e auscultar o depressivo? Quem ousaria compartilhar fraternalmente suas dores existenciais? O sujeito do servo-arbítrio neoliberal apenas pensa em si mesmo, e conviver com uma pessoa depressiva lhe é uma experiência repugnante, pois teme se contaminar com sua doença, doença essa que, apesar de sua tragicidade existencial, pode apresentar um efeito liberador em relação ao idiotismo da sociedade de desempenho, e por isso causa tanta aversão para os mortos-vivos sectários da ideologia neoliberal, que não conseguem se desapegar dessa sofreguidão psicótica por lucro e poder. “Exploramo-nos livremente na ilusão de que nos realizamos. Não a repressão da liberdade, mas a sua exploração maximiza a produtividade e eficiência. Essa é a lógica perversa fundamental do neoliberalismo” (HAN, 2022, p. 31).

Assim como o capitalismo convive perfeitamente com a brutalidade sociopolítica fascista em favor da rentabilidade da plutocracia asséptica e

soberana, vigora também uma espécie de fascismo do gozo no qual o sujeito é não apenas obrigado a ser feliz (felicidade jamais pode ser metrificada), como também é obrigado a fruir sofregamente a afluência de mercadorias disponíveis, daí a importância da Moda e das técnicas publicitárias para fomentar o consumismo.

A obrigação de ser feliz empobrece a vida humana pois estabelece uma meta normativa a ser alcançada conforme a adesão pessoal aos produtos que afluem diariamente do ritmo acelerado do mercado. Vislumbra-se o sucesso profissional como um fim absoluto exigindo-se do sujeito de desempenho capacidade de se adaptar aos flutuantes paradigmas organizacionais para que seja devidamente integrado no espírito capitalista. A indústria farmacêutica lucra de modo exorbitante para a manutenção da engrenagem produtiva do sistema capitalista, pois o trabalhador, não importa sob qual função, encontra ao seu dispor uma panaceia medicamentosa para potenciar sua capacidade de trabalho em caso de fraqueza e para se curar das moléstias decorrentes do ultrajante engajamento profissional. Remédio para anestesiá-la dor, remédio para fortalecer a capacidade performativa, remédio para vencer a impotência, remédio para aliviar as inquietações da ansiedade, remédio para tratar os males depressivos. Os fármacos são fundamentais para o sucesso do capitalismo. Vivo ou morto o trabalhador é rentável. Ou melhor, a ideia de vida defendida pela ideologia gerencial é a da vida meramente produtiva, vida dedicada ao trabalho contínuo, vida que em verdade é uma vida-morta, uma vida-zumbi, uma morte em vida, uma vida desvitalizada e desqualificada, vida que só serve enquanto direcionada aos propositivos normativos da empresa. Trata-se então de uma vida desprovida

de singularidade, uma vida heterônoma, uma vida não-genuína, uma morte em vida.

O sujeito de desempenho retira do seu horizonte axiológico a consciência da finitude pois perde toda dimensão ontológica da existência, tudo é apenas regido pelo cálculo instrumental. O sujeito de desempenho teme muito mais sofrer do desemprego do que da morte, pensada sempre de maneira esvaziada e alheia. A pessoa bem lograda compreende a existência de maneira integral e global, e sabe que a finitude decorrente da morte é uma situação inevitável, mas se encontra tão preenchida pela intensidade de ser que vivencia cada instante da vida de maneira lúdica e criativa para muito além de qualquer critério utilitário. O sujeito de desempenho, por sua vez, apenas luta de forma automática para evitar o encerramento de sua vida pela morte, atirando-se em mais e mais trabalho como ocupação do corpo e da mente. As atividades profissionais do sujeito de desempenho, portanto, velam a consciência de seu processo de finitude. Por isso o sujeito de desempenho manifesta tanto temor pelo adoecimento e afastamento do regime de trabalho, situações geradoras de incerteza existencial: “O processo do Capital e da produção acelera-se ao infinito pelo fato de eliminar a tecnologia do bem viver” (HAN, 2017, p. 44).

A vida para consumo também se associa ao traço espoliador premente na ideologia gerencial, pois é a existência guiada para absorção das mercadorias disponibilizadas, cujo processo exige poder aquisitivo, conquistado através do trabalho alienado. Trabalha-se exaustivamente para se manter um padrão de vida aburguesado que sempre está atrás da satisfação material proporcionada pela circulação acelerada

das mercadorias e que exige da parte do sujeito de desempenho aceleração análoga para que consiga realizar as metas profissionais estabelecidas, ainda que a desvitalização plena seja o resultado imediato desse processo vicioso. Consume-se, aparentemente, para que não se morra, mas para se consumir é necessário trabalhar em condições vitalmente impróprias, e aí então ativa-se o ciclo do fenecimento de si: “A violência também é o excesso de positividade que se manifesta como hiperdesempenho, hipercomunicação e hiperestimulação. A violência da positividade leva a dores de sobrecarga” (HAN, 2021c, p. 57).

O palavreado motivacional da positividade enaltece o engajamento profissional ilimitado, e assim naturaliza situações em que o funcionário porta em sua vida doméstica a dinâmica laboral exaustiva e insalubre. É fundamental que se estabelece uma ética libertária do desengajamento profissional e da desconexão informacional. São técnicas que não dissolvem a estrutura empresarial vigente, mas que atenuam os efeitos deletérios da positividade gerencial sobre o metabolismo do trabalhador. A genuína qualidade de vida não coaduna com a dedicação profissional absoluta que nega a singularidade do próprio sujeito otimizado como recurso produtivo. O trabalhador qualificado, não importa se de empresa privada ou do serviço público, só é enaltificado quando trabalha além daquilo que é necessário dentro das metas organizacionais estabelecidas.

Não adianta exigir sustentabilidade nas práticas industriais para melhor preservação ambiental se o modo de vida das profissões desregulamentadas pelo avanço da agenda neoliberal é afetado em suas bases pela incerteza moral e pela precarização laboral, circunstâncias que

potencializam o esgotamento pessoal e todas as moléstias psicofísicas daí decorrentes. As empresas se exaltam como pias cumpridoras dos ideais seráficos de responsabilidade social e suas reconfigurações ideológicas pós-modernas. A apologia cretina da ESG camufla os verdadeiros interesses corporativos que apenas pretendem absorver uma fatia de mercado que enaltece condutas deontológicas consideradas progressistas, sem, todavia, alterar a base funcional do dispositivo capitalista. Por conseguinte, o que cabe é a superação violenta da economia capitalista e não sua maquiagem que ao fim e ao cabo criam vivas formas de captação de consumidores. Uma economia verde autêntica só pode se materializar fora do espectro capitalista, eis a grande dificuldade operacional para os gestores alinhados com as pautas democráticas e incluídas da sonhada transformação das empresas rumo ao sonhado futuro melhor. Sempre importante repetir, a preservação ambiental não pode descurar da realização da dignidade humana em qualquer segmentação espacial. A retórica hipócrita do empresariado não é capaz de resolver o problema da miséria social em suas múltiplas carências (falta de saneamento básico, falta de serviço de saúde integral, falta de alimentação plena etc.). O decrescimento produtivo é um paliativo para conter o avanço da degradação socioambiental, mas não resolve de maneira permanente o grave problema da exaustão da Biosfera compreendida como a integração salutar de todos os viventes em um ciclo de transformação constante. Urge então que tenhamos coragem para estabelecer uma reorientação social se pautar em valorações existenciais qualitativas, que celebrem a vida para além da lógica performática do desempenho profissional e seus critérios de

moralidade gerencial. O utilitarismo capitalista não conseguirá nos proporcionar essa alternativa libertadora.

Considerações finais

O celebrado culto da performance do sujeito de desempenho do capitalismo ultraliberal se configura como uma trajetória que não permite desaceleração ou escapatória. Vive-se com antolhos para que somente se siga em frente sem qualquer questionamento pela própria saúde psicofísica. O vocabulário da positividade tóxica e toda narrativa motivacional do poder gerencial enrijecem a capacidade sensível do sujeito de desempenho que assim recalca toda limitação e fraqueza vital. Ao mesmo tempo, todo pensamento cáustico contra o *status quo* normativo da vida administrada é solapado como um desvio moral que prejudica a concentração da consciência no foco profissional, quanto então o sujeito de desempenho, traído por sua própria limitação orgânica, já não consegue mais ser rentável e positivo. A vida em dor não é um demérito moral, mas uma barragem contra o processo de alienação de si imposto pela regulação existencial do culto da performance em sua aspiração quantitativa por poder e sucesso. A dor é um sintoma necessário para mudarmos o eixo da existência e, portanto, ela é qualitativa. Uma experiência ética pautada pela genuína alteridade não recusa a dor do outro, mas

a acolhe amorosamente como sua, algo que a sociedade de desempenho é incapaz de fazer, posto que autocentrada, egoísta e fascistóide.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. **A Ilusão Vital**. Trad. de Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BRINKMANN, Svend. **Positividade Tóxica: como resistir à sociedade do otimismo compulsivo**. Trad. de Alessandra Bonruquer. Rio de Janeiro: BestSeller, 2022.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Trad. de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. **Capitalismo e impulso de morte: ensaios e entrevistas**. Trad. de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2021a.

_____. **A expulsão do Outro: sociedade, percepção e comunicação hoje**. Trad. de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2022.

_____. **Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo**. Trad. de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2021b.

_____. **Sociedade Paliativa: a dor hoje**. Trad. de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2021c.

LE BRETON, David. **Desaparecer de si: uma tentação contemporânea**. Trad. de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora: reflexões sobre os problemas morais**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Recebido em 2023-06-22
Publicado em 2023-10-20